

humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME II



COIMBRA
MCMXLVIII-MCMXLIX

O étimo *crupta* oferece, porém, uma dificuldade de natureza fonética que o Autor passa a analisar:

«A passagem de *cr-* inicial a *gr-* acha-se evidentemente subordinada à sonoridade dos elementos vocálicos com os quais esteja o grupo em contacto directo ou indirecto. Considerado o valor sonoro do *a*, deve-se ter por natural que palavras como *cratis*, *crassus* estejam representadas nos romances, com excepções poucas e oriundas de outros factores, por vocábulos que começam por *gra-* (...). De outro lado, era de esperar que *crina*, *crista*, *crispare*, *crudus*, *crusta*, *crux*, mercê do *i* ou do *u* da primeira sílaba, mantivessem, como mantêm, a surda inicial.» (p. 8.)

Ora «a sonorização do grupo inicial de *crypta* no it. *grotta*, no esp. e port, *gruta*, no log. *grutta*, no friul. *grote*, em contraste com a surda do v. fr. *croute*, prov. *crota*, brix. *krota*, aparece como anomalia não explicável sem a intercorrência de algum elemento externo», (ibid.)

Para explicar tal anomalia, discorre o Autor assim :

«Os Eólios possuíam o termo *γρύπα*, empregado por Safo para designar certa caixa de perfumes e outros guardados *feminis*.» (...)

«Uma palavra que designa *cofre*, *caixa*, pode constituir metáfora não imprópria para a ideia de *antro*, *gruta*. Suponho daí que, na suplantação do legítimo lat. *specus* e do velho empr. gr. *spelunca*, *γρύπα* concorreu com *crypta*, confundiu-se muitas vezes com esta e se tornou então responsável pela sonorização de *cr-*. A forma *grupta*, da qual saíram *grotta*, *grutta*, *gruta*, terá, pois, resultado da convergência dos dois helenismos.» (pp. 8^g.)

Idêntica orientação adopta o Autor no estudo dos outros vocábulos analisados.

Vem depois uma secção de consultas, em que o Prof. F'aria Coimbra se ocupa das palavras *síndrome*, *laringe*, *faringe*; *troglodita*; *penfigo* e *elefantíase* [sic].

Em aviso final, esclarece :

«Achava-se já composto este trabalho quando a leitura do vol. ix das «Obras Completas» do Cardeal Saraiva, Lisboa, 1880, pp. 34,47 e 76, me depa-rou, em breves verbetes, para *copo*, *esteira eporca*, as mesmas origens gregas que acima avengei. Preciso ajuntar que o capítulo referente a «Cinco Étimos Gregos» foi lido, Há cerca de dois anos, em sessão da Sociedade de Estudos Filológicos.» (p. ig.)

MARIA DO CARMO LAPIDO DE ABREU

VICENTE GARCÍA DE DIEGO LÓPEZ— *Orientaciones sobre el género en latin^ con especial estudio de la sinonimia genérica*. Tesis del doctorado de Filosofía y Letras. Sevilla, Imprenta Suárez, 1947. vm -f 108 pp.

A noção linguística de género estão ligados vários e curiosos problemas. Esta categoria gramatical, por ser das que mais provam a enorme diferença entre *lógica* e *língua*, presta-se a estudos ininteressantes, cujo

método tem de ser essencialmente o psicológico. Um desses problemas é o das causas ou causa da mudança e vacilação do género dos nomes: *amnis* era feminino na época arcaica (Plaut., *Mere.*, 5, 2, 18: *Ñeque mihi ulla obsistet amnis*) e tornou-se masculino na clássica (Virg., *Geórg.*, 1, 10); *anguis* era feminino na época arcaica e também na clássica, mas era frequente aparecer, numa e noutra, como masculino.

Curioso deste e de outros factos, o Prof. Vicente García de Diego López, filho do ilustre romanista Vicente García de Diego, dedicou-se com afã a procurar a norma ou normas que haviam servido de guia a estas mudanças e a outros casos considerados como excepções às tradicionais regras do género. A sua tese é de que na história do géneros dos nomes desempenha papel importante a relação e interposição dos sinónimos e a influência do nome genérico em toda uma série de nomes específicos: *amnis* passou a masculino por nítida influência de *fluuius*; *anguis* oscila entre os sinónimos femininos *aspis*, *colubra* e *uipera* e os masculinos *draco*, *coluber* e *serpens*; *uestis*, feminino, deveria ter exercido alguma influência nas palavras específicas, na sua maioria femininas.

É evidente que a análise do Prof. Diego López não se limita a estes casos de nítida transparência do processo, mas a outros mais subtis e em que o esquema ideográfico e psicológico é mais complicado. São estudados cerca de uma centena de sinónimos. A mudança ou vacilação do género das palavras é não só considerada no domínio do latim clássico (*aluus*, *humus*, *uirus*, etc.), como no do baixo-latim (*inguen*), no do românico (*fúnis*, *flos*, *frigus*) e no do castelhano (*ingle*, *cumbre*, *madero*, *tejo*, *huerta*, etc.)

Antes de nos referirmos mais pormenorizadamente a este trabalho, que constitui a tese de doutoramento do A., realizado em Junho de 1936, importa dar uma ideia geral do seu conteúdo, transcrevendo o essencial do seu índice analítico:

Introducción: A) Reseña histórica del género; B) Procedimientos para indicar el género y su prioridad: 1º Empleo primitivo de nombres de diferente raíz: a) en las personas; b) en los animales. 2º Por adición de otra palabra; 3º Por modificación o ampliación del morfema: nombres en a masculinos, en a femeninos, en o masculinos.

Interposición de sinónimos modificadora del género:

A) *Influencia de un sinónimo en el género de otro de parecida extensión semántica:* 1º Una palabra cambia de género sin simultanearlo con otro. 2º Una palabra cambia de género, pero este nuevo coexiste con el anterior, aunque con diferente valor. 3º Una palabra empieza a vacilar de género sin decidirse resueltamente por ninguno.

B) *Influencia entre el individuo y el supuesto genérico.* Nombres de árboles y frutos, arbustos, plantas y hierbas, naves, rios, mares, meses? vientos, vestidos, metales.

No seu trabalho, o A. segue, quanto à investigação, o método psicológico, sem desprezar, como é óbvio, o histórico, e quanto à exposição, o que não é vulgar, o indutivo, o que nos revela uma óptima orientação de espírito; aliás, o Prof. García de Diego declara expressamente a sua

antipatia pelas classificações *a priori*. Em virtude do método seguido, o A. receia que o possam acusar de o seu estudo carecer de unidade de plano e, para antecipar quaisquer objecções, declara que «no hay que olvidar que su carácter eminentemente psicológico traba a la perfección todas las cuestiones tratadas». Julgamos sem fundamento este receio, pois o trabalho obedece a um plano bem definido e perfeitamente concatenado. Basta apenas seguir *interessadamente* os raciocínios e processos de aproximação psicológica a que o A. recorreu.

Partindo das regras tradicionais sobre o género, necessitava Garcia de Diego de se referir à fixação dessas regras. É o que faz, dando-nos uma resenha histórica do género, que ocupa as 26 primeiras páginas da sua tese. O seu valor está, essencialmente, em ser uma compilação e síntese crítica e metódica, a que acrescenta algumas observações próprias e algumas restrições às alheias, dos elementos dispersos sobre o assunto. Meillet, Vendryes, Lohman, Lommel e outros são as suas principais fontes de informação. Além do mais, esta resenha tem o mérito de pôr melhor em evidencia a novidade das conclusões, como o próprio A. declara. São comentados os problemas essenciais do género: género animado e inanimado; como nasceu a distinção entre masculino e feminino; morfemas do feminino e sua procedência; antiga relação entre o neutro e o feminino; mudança de género originada pela diferença de concepção; a flexão nominal e o género; processos para indicar o género e sua prioridade.

Passa em seguida à parte principal do seu trabalho: mostrar a importância dos sinónimos na história do género dos nomes. Não são, de um modo geral, estudadas as circunstâncias da mudança do género, isto é, nem o tempo durante o qual a palavra teve este ou aquele género, nem a sua extensão nas diversas fronteiras linguísticas, mas sim a mudança em si e as razões psicológicas que a determinaram. A associação de ideias tem uma importância capital nos factos considerados, e as associações estudadas são ou semânticas, ou formais, ou semânticas e formais: *aluus, amnis, funis, humus*, etc. sofreram a influência de um sinónimo de parecida extensão semântica, mas de género diferente, e passaram, a primeira a feminina por influência de *celia*, a segunda a masculina por influência de *fluuius*, a terceira a feminina por influência de *chorda*. A quarta sofreu igual mudança por influência de *terra* e *tellus*, etc., etc.

Por vezes, a mudança dá-se não só no género, mas na própria terminação: *fretus* > *fretum*, *balteus* > *balteum*, por influência respectivamente de *mare* e *cinctorium*. Mas *frigus* > *frigor*, por influência do antónimo *calor*. Os plurais como *loca, carbasa, ioca*, que estão em desacordo com o singular, sofreram também operações idênticas: u. g. *carbassus*, fem., por influência de *umbracula* e *uela* criou um neutro *carbasa*, que, por sua vez, origina um singular neutro, *carbassum*.

Noutra direcção, há palavras que mudam de género, mas este novo género coexiste com o anterior com diferente valor. No latim existia só *hortus*; no castelhano há *huerto*, mas também existe *huerta* por influência de *finca, heredad* e *pie^a*. É apresentada uma longa lista de objectos agru-

pados em categorias (recipientes caseiros, calçado, perfurações naturais e artificiais da terra), cujo nome mudou de género em castelhano.

Antes de prosseguir, façamos um leve reparo: raramente se cita o português e, muitas vezes, a grafia da palavra referida denota um deficiente conhecimento da nossa língua; por exemplo, *cavallo-egoa* (p. 19); com um conhecimento mais profundo do português, teriam sido valorizados alguns dos comentários. É estranho que, ao referir-se *fiôs*, o A. cite o francês, o italiano, o provençal e o catalão e se esqueça da nossa *flor*. A propósito de *huerta* seria interessante que o A. não desse a impressão de desconhecer que em Portugal temos *horta*, e com um sentido completamente diferente no Norte e no Sul (Alentejo) do País. É natural que o nosso *horta* do SuL tenha influência de (*das huertas*» em oposição ao *acampo sembrado de cereales*». Sobre *talego*, coexistem no Alentejo um *talego* e uma *talega* (Amareleja, concelho de Moura) e, portanto, o feminino árabe persiste. Nos seus comentários acerca de *finis*, nota-se igual abstenção na referência ao português. São tanto mais para estranhar estes factos quanto é certo que o A., no prefácio do seu trabalho, escreve : «por estudiar cada palabra en su propio ambiente y en su recorrido histórico no he reparado en recoger dados que no fueran exclusivamente lingüísticos ni tampoco me ha detenido el tener que continuar su investigación a través de diferentes fronteras idiomáticas, pues la finalidad era no romper su hilo psicológico.» Evidentemente, esta restrição não diminui o valor do trabalho do A., visto que nem pelos seus intuitos nem pelo seu âmbito são essenciais a citação e conhecimento dos fenómenos e particularidades das línguas românicas.

Estudam-se em seguida algumas palavras que vacilam de género, mas sem se decidirem por nenhum: mudam o seu género segundo um sinónimo de outro género e conservam o primeiro por influência de outro sinónimo do mesmo género. É o caso de *cinis*, que emparceirava com *ignis*, *funus*, *pulvis*, mas também com *pyra*. A própria palavra *pulvis* estava de um lado apoiada em *campus* e *circus* e de outro em *terra*.

Muitos outros factores, factos e influências várias são estudados e postos em relevo pelo que respeita aos vocábulos comentados, todos conducentes a comprovar a influência da interposição de sinónimos como modificadora do género das palavras.

Finalmente, são estudados os casos de influência genérica. O A. supõe que a uniformidade do género de certas séries de nomes, a não ser casual e obedecer a um conceito geral que envolve toda a série, poderia resultar da influência do género da palavra geral que representa toda a série. Partindo desta suposição, analisa o género nas séries de árvores, arbustos, plantas, ervas, naus, rios, mares, ventos, vestidos e metais. Nos nomes de árvores e frutos, o conceito de «fecundidade» sobrepõe-se a qualquer outra consideração. Nos outros nomes, porém, não havia qualquer conceito que reclamasse um determinado género. O género do nome genérico (*navis*, *vestis*, *metallum*, *uentus*, *riuus*, etc.) devia ter exercido notável influência sobre os nomes específicos.

São estas as interessantes ideias e a valiosa tese exposta pelo A., sempre com uma segurança impecável e com abundante material de justificação das suas asserções. O trabalho foi escrito em 1936 e publicado em 1947. Neste período de tempo, o A. reconhece que poderia ter manejado um material moderno e o seu trabalho ter saído melhorado. A Guerra Mundial malogrou, porém, este lícito desejo. Têm, por isso, de ser relevadas algumas faltas e esquecidas algumas exigências que se poderiam formular.

A. GOMES FERREIRA

VICENTE GARCÍA DE DIEGO LÓPEZ — *Estudio psicológico-lingüístico del «temor a la muerte» entre los clásicos latinos.* Sep. dos *Anales de la Universidad Hispalense*, núms. 1 e 11. Sevilha, Imprenta de la Gavidia, 1945. iv + 40 pp.

Encara-se, no século em que vivemos, o estudo das línguas vivas ou mortas, de forma bem diferente do modo como as estudavam nossos pais e avós. Pretende-se nos tempos hodiernos, pelo exame atento e minucioso dos idiomas, investigar o grau de civilização, as instituições, os costumes e as ideias filosóficas e religiosas dos povos que nelas se exprimiam; e os resultados até hoje obtidos são já apreciáveis, e mais e melhor se conseguirá se se multiplicarem, para cada povo, monografias como a que temos presente.

Filho do conhecido romanista Vicente García de Diego, o Sr. Vicente García de Diego López — um novo ainda—brinda nos, todavia, com um trabalho suculento e bem elaborado, que não faria pouca honra a um linguista encanecido, e que, se se não impõe pelo número de páginas, é porque o seu autor, dotado de grande poder de síntese, soube comprimir em magro espaço matéria que se prestava a considerável desenvolvimento.

Norteados, de princípio a fim, por uma sã e criadora filosofia espiritualista, estuda as reacções psicológicas manifestadas nas obras dos escritores latinos em face da certeza da morte, e estabelece, logo de início, as semelhanças e diferenças entre o receio da morte em nós e nos irracionais. Estes temem a morte e procuram evitá-la por instinto; o homem, porque se representa intelectivamente as consequências dela (p. 2).

O povo romano, afirma o Autor, temendo tanto mais a morte quanto mais materialisticamente a considerava, receava-a sobretudo quando a concebia como o aniquilamento completo, o «não ser» de alma e corpo (p. 3); mas tal conceito, raríssimo na velha Roma, só em Lucrécio se encontra. Admitiam os outros escritores latinos, de qualquer modo, a sobrevivência da alma; e, apesar de ser um dos menos espiritualistas, o poeta-filósofo do *De rerum natura* enumera, no livro vi, os três destinos possíveis do espírito humano depois da morte:

- 1) morte com o corpo: *simul intereat nobiscum morte derempta;*
- 2) jornada para as trevas e lagoas de Orco: *tenebras Orci uisat uasque lacunas;*